

Empresas dos EUA lucram com guerra em Gaza

No governo Obama foi estabelecida uma ajuda de US\$ 38 bilhões para Israel, por dez anos; do total, US\$ 3,3 bi são destinados a equipamentos militares comprados, em sua grande maioria, a empresas americanas

FELIPE BAKENI
fba@fmglobo.com.br

“A situação em Israel obviamente é terrível, e ela está evoluindo neste momento. Mas acho que se observarmos as crescentes demandas em potencial vindas disso, a maior delas vem da artilharia”, afirmou, no fim de outubro de 2023, Jason Aiken, vice-presidente executivo da General Dynamics, uma das maiores empresas do setor de Defesa do planeta, em uma conferência sobre os lucros no terceiro trimestre daquele ano.

Um dia após a reunião, as palavras de Aiken começaram a se concretizar na Faixa de Gaza com o início de uma operação terrestre para “erradicar” o grupo terrorista Hamas após os ataques de 7 de outubro, que deixaram 1.139 mortos.

O executivo foi preciso na parte da artilharia: disse que sua empresa trabalhava para produzir cerca de 100 mil munições por mês — mesmo número que o Exército israelense admitiu ter usado em Gaza desde o início da guerra. A demanda foi tamanha que os EUA aprovaram, em dezembro, a venda de US\$ 147 milhões (R\$ 753,7 milhões) em munições de 155 milímetros a Israel, uma das duas únicas operações do tipo reveladas publicamente.

Em meio à devastação da guerra em Gaza, suas mais de 34 mil vilas perdidas, quase 80 mil feridos, 8 mil desaparecidos e centenas de milhares de deslocados — além dos riscos de uma crise generalizada no Oriente Médio — o setor de Defesa vê o conflito como mais uma chance de lucro em um momento que já era considerado “de ouro”.

VENDAS ‘SIGILOSAS’

Com guerras como a da Ucrânia, que demandam uma quantidade de equipamentos poucas vezes vista na História recente, empresas dos EUA — incluindo a General Dynamics — venderam em 2023 o equivalente a US\$ 238 bilhões (R\$ 1,22 trilhão) em equipamentos militares, de munições a aeronaves, sendo US\$ 80,9 bilhões (R\$ 414,8 bilhões) através do governo americano.

—Armar a Ucrânia, incitar o medo da China, agora a ajuda a Israel... essas empresas fazem dinheiro de todas as formas e têm planos para expandir a base de produção de armas — disse ao GLOBO William Hartung, especialista em segurança nacional no Instituto Quincy e autor de uma série de livros sobre o complexo industrial-militar dos EUA. — É o que a indústria queria havia anos e que agora parece estar caindo no colo delas.

Nesse contexto, o caso israelense merece um capítulo à parte. O país é o maior receptor acumulado de ajuda americana — financeira e militar — com um valor estimado em US\$ 300 bilhões (R\$ 1,538 trilhão, ajustados pela inflação) desde sua fundação, em 1948. Do total, US\$ 216 bilhões (R\$ 1,11 trilhão) foram ajuda militar, montante que varia de acordo com o período histórico. Em 1979, quando a guerra do Líbano parou de corpo, chegou a US\$ 13,2 bilhões (R\$ 67,68 bilhões), valor similar a um pacote defendido atualmente por Joe Biden no Congresso. Em 2000, quando es-



Refugio. Veículos blindados do Exército israelense perto da Faixa de Gaza. Departamento de Estado vê usando brechas legais para fornecer armas a Israel

tourou a Segunda Intifada, o aporte foi de US\$ 4,6 bilhões (R\$ 23,59 bilhões).

O volume atual de ajuda de US\$ 38 bilhões (R\$ 194,84 bilhões) foi estabelecido no último ano do mandato de Barack Obama para vigorar pelos 10 anos seguintes, sendo US\$ 3,3 bilhões (R\$ 16,92 bilhões) em equipamentos militares e US\$ 5 bilhões (R\$ 25,64 bilhões) em sistemas de defesa aérea, como o Domo de Ferro. Na prática, trata-se de um dinheiro que deverá ser usado, em sua maior parte, na compra de equipamentos militares americanos, gerando lucros — para empresas americanas.

Um exemplo conhecido é o do caso F-35, produzidos pela Lockheed-Martin, com custo estimado de US\$ 77,9 milhões (R\$ 399,42 milhões) — a encomenda inicial foi de 50 aviões, com 39 entregas. No fim de março, o governo Biden autorizou a venda de mais 25 em uma operação estimada em US\$ 2,5 bilhões (R\$ 12,82 bilhões). A transação foi realizada sem alarde e não precisou ser notificada ao Congresso, como requer a legislação, porque já havia sido autorizada em 2008 pelo Legislativo sem ter sido concretizada. Em 2023, o lucro líquido da Lockheed-Martin foi de US\$ 6,9 bilhões (R\$ 35,38 bilhões).

Essa não foi a única venda “sigilosa” dos EUA. Como revelou o Washington Post, em março, a Casa Branca e o Departamento de Estado vêm utilizando brechas legais para continuar fornecendo armas a Israel, incluindo algumas usadas em bombardios. E o caso, por exemplo, da bomba MK84, produzida pela General Dynamics a um custo individual de US\$ 16 mil (R\$ 82 mil); com peso de 900 kg, ela foi ligada a ataques que deixaram dezenas de mortos em Gaza desde o ano passado, e as ordens mais recentes da Casa Branca liberaram a venda de 1.800 unidades a Israel. No ano passado, a General Dynamics lucrara US\$ 3,3 bilhões

(R\$ 16,92 bilhões). Para os executivos do setor, os tempos de destruição e morte também rendem salários anuais de até US\$ 20 milhões (R\$ 102,57 milhões).

Segundo levantamento da organização American Friends Service Committee, cerca de 50 empresas de vários países além dos EUA, incluindo Israel, vêm lucrando com a guerra, fornecendo desde uniformes e coletes até bombas guiadas por satélite.

Envios semelhantes foram feitos para bases onde os EUA operam ao redor do Mar Vermelho, em uma tentativa de conter os ataques dos Houthis contra navios comerciais e militares na região. A milícia, baseada no Iêmen, afirma que realiza as ações em solidariedade à população em Gaza, e pressiona por um cessar-fogo imediato. Segundo

do especialistas do setor aéreo, o aumento dos preços dos seguros e os riscos às embarcações levaram a uma alta na procura pelo frete aéreo de cargas não militares.

PORTO HUMANITÁRIO

Ao mesmo tempo em que os EUA fornecem armas a Israel, o país também cobra os israelenses para que incrementem o ritmo de entrada de ajuda humanitária em Gaza, hoje considerado insuficiente para as necessidades diárias.

Para tentar amenizar a situação, os americanos iniciaram lançamentos aéreos de alimentos e insumos, através da Força Aérea, e anunciaram planos para a construção de um porto temporário em Gaza, como parte de um corredor marítimo com custo estimado de US\$ 200 milhões (R\$ 1 bilhão), afirmaram fontes da Casa Branca à agência Reuters.

Segundo a CNN, o planejamento está a cargo da empresa Fogbow, baseada nos EUA e composta por ex-militares e ex-integrantes do governo dos EUA e organismos internacionais. Não está claro quanto a Fogbow receberá pela consultoria. A montagem do porto, diz o Pentágono, será feita por mil militares, apesar de o governo garantir que não haverá soldados do país em Gaza. A Fogbow não comentou as informações publicadas.

QUESTIONAMENTOS

O “negócio” bilionário e próspero das empresas de Defesa começou a ser questionado em meio à morte de dezenas de milhares de civis e às imagens de destruição absoluta em Gaza. O ataque com um drone (que não teria tecnologia americana, mas, sim, britânica), que matou sete trabalhadores humanitários da ONG World Central Kitchen souso como a gota d’água, e agora vários parlamentares aliados de Biden questionam as vendas.

— Não vemos o presidente Biden agir de acordo com o que as leis políticas americanas determinam, que é impor condições a todos os usuários de armas dos EUA em todos os lugares do mundo, incluindo Israel — disse ao GLOBO John Chappell, advogado e pesquisador jurídico do Programa dos EUA no Centro para Civis em Conflito (Civics).

Chappell lembra que, em fevereiro, Biden assinou um memorando estipulando que todos compradores de armas americanas deveriam seguir as leis internacionais e não impedir a entrega de ajuda humanitária. A determinação não trouxe, e tampouco deve trazer, mudanças em curto ou médio prazo.

— Com ou sem o memorando, há normas nas leis dos EUA e nas políticas de Biden que exigem ações imediatas — aponta. — Um exemplo é a política de transferência de armas convencionais, que veta a venda em situações em que exista a possibilidade de serem usadas em violações das leis internacionais. E vemos todos os dias ações dos militares israelenses que parecem ser sérias violações das leis humanitárias.

G20 no Brasil

UMA INICIATIVA
do GLOBO | Valor | CBN

A MELHOR COBERTURA DO G20 ESTÁ NAS PLATAFORMAS DO GLOBO, VALOR E CBN

Pela primeira vez, o Brasil sediará o encontro internacional do G20, grupo formado pelas maiores economias do mundo.

Para você se informar sobre os diversos temas que envolvem o evento, O Globo, Valor e CBN criaram canais especiais repletos de conteúdo.

ACESSE E FIQUE POR DENTRO DE TUDO O QUE ACONTECE NO G20.

ESTADO ANFITRÃO: RIO DE JANEIRO

COSE ANFITRÃ: RIO DE JANEIRO

PATROCÍNIO: JBS

REALIZAÇÃO: O GLOBO | Valor | CBN

R\$ 1,2

trilhão

Valor que empresas dos EUA venderam em equipamentos militares em 2023 em todo o mundo